

RELAÇÃO ENTRE AS ESCOLAS DE SAMBA, OS BAILES *BLACK* PAULISTANOS E O HIP HOP

[ARTIGO]

João Batista de Jesus Felix
Universidade Federal do Tocantins

[RESUMO ABSTRACT RESUMEN]

No início, este artigo analisa o programa *O Negro da Senzala ao Soul*, exibido pela TV Cultura em 1977, no qual há uma comparação entre as escolas de samba e os bailes *black* paulistanos. O argumento do programa defendia que o samba aliena, enquanto os bailes trazem condições para o aumento da consciência do negro sobre sua situação social. Em seguida, os bailes *black* paulistanos *Chic Show* e *Zimbabwe* são analisados, revelando não haver um distanciamento tão grande entre as escolas de samba e os bailes, como defendido no programa da TV Cultura. Ao final, após uma investigação sobre a relação entre o movimento *hip hop* e as escolas de samba, é salientado que, embora o *hip hop* tenha sérias críticas às escolas de samba, alguns sambistas são respeitados por eles.

Palavras-chave: Identidade. Racismo. Discriminação. Cultura.

This article begins by analyzing the program “O Negro da Senzala ao Soul”, shown by TV Cultura in 1977, in which São Paulo samba schools and the Black dance parties are compared. The program argued that samba alienates, whereas dance parties provide conditions for the increase of black social awareness. Then, we analyze the black dance parties *Chic Show* and *Zimbabwe*, showing that there is not such a great distance between the samba schools and the dance parties, as it is defended in the TV Cultura’s program. We conclude with an analysis of the relationship between *hip hop* movement and the samba schools and samba dancers, demonstrating that, although *hip hop* has serious criticism of the samba schools, they respect some samba dancers.

Keywords: Identity. Racism. Discrimination. Culture.

Este artículo comienza con el análisis del programa “O Negro da Senzala ao Soul”, emitido por TV Cultura en 1977, en el que se hace una comparación entre las escuelas de samba de São Paulo y los bailes *black*. El programa argumenta que la samba aliena, mientras que los bailes aportan condiciones para que aumente la conciencia de los negros sobre su situación social. A continuación se presenta un análisis de los bailes *black* de São Paulo, *Chic Show* y *Zimbabwe*, en el que se demuestra que no hay tanta distancia entre las escuelas de samba y los bailes, como se defiende en el programa de TV Cultura. Tras el análisis de la relación entre el movimiento *hip-hop* y las escuelas de samba, se concluye que, aunque el *hip-hop* hace serias críticas a las escuelas de samba, algunos bailarines de samba son respetados por el movimiento.

Palabras clave: Identidad. Racismo. Discriminación. Cultura.

Neste artigo vou fazer uma relação entre o programa “*O Negro da Senzala ao Soul*”, de 1977, veiculado pela TV Cultura de São Paulo e meu mestrado, onde analisei a construção da identidade nos bailes *black* da Chic Show e Zimbabwe, defendida em 2000 e minha tese de doutorado, defendida em 2006, oportunidade em que analisei o Movimento *hip hop*. Aqui vamos discutir a relação entre a representação das escolas de Samba e do Movimento *hip hop* para a população negra paulistana.

Em 1977, 99 anos pós abolição do trabalho escravo no Brasil, a TV Cultura, ligada à Fundação Padre Anchieta de São Paulo, apresentou um programa intitulado “*O Negro da Senzala ao Soul*”¹. Ele se inicia dando destaque ao evento acontecido na Universidade de São Paulo (USP) denominado “Quinzena do Negro”, de 22 de maio a 08 de junho de 1977, evento este organizado e coordenado por Eduardo Oliveira Oliveira, intelectual e militante negro.

No desenrolar do programa ele vai dando destaque aos bailes *black* que são frequentados pelos negros, e, na opinião do diretor do programa, estes bailes aumentam a conscientização dos negros, enquanto, que as Escolas de Samba não têm o mesmo papel.

Neste programa temos a posição, de forma bastante resumida, de que o samba, apesar de ser uma expressão cultural negra, não teve grande contribuição para a total emancipação política, cultural e social da população negra brasileira, foi preciso vir do

exterior, mais especificamente dos Estados Unidos do Norte, o *Soul*, através dos bailes *black*, uma expressão cultural estrangeira que contribuiu grandemente no processo de luta contra a discriminação, o preconceito e o racismo sofrido pelo(a)s negro(a)s brasileiro(a)s.

Podemos perceber neste programa uma crítica, bastante profunda, ao samba e uma exaltação ao *Soul*, algo que será bastante recorrente em nossa sociedade.

Atualmente as Escolas de Samba tem enorme destaque nos carnavais das cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo. Mas, nem sempre foi assim. Durante um longo período os desfiles das Escolas de Samba, nestas duas cidades, aconteciam nas ruas, sem nenhuma estrutura e sem apoio do Estado e a disputa entre elas não eram tão importantes para seus componentes e dirigentes.

Na cidade de São Paulo as Escolas de Samba dividiam as ruas, nos carnavais, com os Cordões e os Blocos Carnavalescos, cada uma destas organizações tinha seus próprios interesses, os principais Cordões, no final da década de 1960, eram Vai-Vai, da região central da cidade e Camisa Verde e Branco, da região norte.

Em 1928 um grupo de amigos, liderado por Livinho e Benedito Sardinha, além de Henrique Felipe da Costa, (Henricão), primeiro Rei Momo da cidade de São Paulo, em 1981-1982, Frederico Penteado, (Fredericão), responsável pelo evento Bonequinha do Café, evento que deixou de ser realizado em 1977 e Lourival de Almeida (seo Loro), fundaram o Cordão Carnavalesco e Esportivo Vae-Vae, que em 1972 tornou-se o Grêmio

¹ Hoje é possível assistir a este programa no YouTube. Disponível em: <https://bit.ly/36zBCyl>. Acesso em: 20 dez. 2020.

Recreativo, Cultural e Social Escola de Samba Vai-Vai.

Em 4 de setembro de 1953, o senhor Inocêncio Tobias, mais conhecido como o Mulata, fundava o Cordão Mocidade Camisa Verde e Branco, que em 1970 esta entidade passa a ser a Associação Cultural e Social Escola de Samba Mocidade Camisa Verde e Branco².

Com a oficialização dos desfiles carnavalescos em São Paulo, que passaram a acontecer na avenida São João, localizada na região central da cidade de São Paulo, feito pelo prefeito José Vicente Faria Lima, surgiu a necessidade de haver uma organização que representasse as Escolas de Samba Paulistanas, que ficasse responsável pela organização dos desfiles carnavalescos na cidade de São Paulo e pela relação com a administração da Prefeitura de São Paulo. Tanto o cordão Vai Vai, como o cordão Camisa Verde e Branco passaram a ser Escolas de Samba para poderem participar dos desfiles oficiais das Escolas de Samba paulistanas.

A Uesp foi fundada em 10 de setembro de 1973, atualmente ela dirige setenta e quatro (64) agremiações, entre Escolas de samba e Blocos Carnavalesco, coordena três (03) desfiles carnavalescos de ruas de bairros na cidade de São Paulo, que são: Butantã, Centro e Vila Esperança.

Já a Liga das Escolas de Samba (LIGA SP) foi fundada em 19 de julho de 1986, ela dirige vinte e duas (22) agremiações, sendo quatorze (14) no Grupo Especial e

oito (08) no Grupo de Acesso. Logicamente, valerá muito à pena analisar também a relação entre LIGASP e o Estado, o que não faremos aqui, porque fugiríamos do nosso objetivo acadêmico.

As Escolas de samba inicialmente sofriam grande repressão policial, pois eram vistas como uma expressão cultural primitiva, organizada por pessoas que não eram bem quistas pela sociedade branca paulistana. Com a oficialização vem o reconhecimento do Estado e com ele surge a atração de pessoas brancas, inicialmente pobres e da classe média, sendo que posteriormente, até mesmo da burguesia branca. Neste momento o(a)s negro(a)s perdem muitos dos espaços de destaques nas Escolas de Samba.

Mas mesmo com a vinda dos brancos para o samba temos várias Escolas de Samba paulistanas que fazem questão de destacar que ainda são uma expressão cultural negra, podemos destacar G. R. C. E. S. Nenê de Vila Matilde, em 1982 desfilou com o enredo “Palmares Raiz da Liberdade”, A. C. S. E. S. Camisa Verde e Branco, em 1982 apresentou o enredo “Negros Maravilhosos: Mutuo Mundo Kitoko”, G. R. C. E. S. Unidos do Peruche, em 1986 teve como enredo “Benjamin de Oliveira O palhaço Negro”, e G.R.C.E.S. Vai Vai, em 1991 desfilou com o enredo “O Negro em Forma de Arte”. Como podemos notar nestas ocasiões estas agremiações procuram exaltar os negros brasileiros e devemos destacar que existem outros exemplos, que deixaremos de apresentar agora.

Em nossa dissertação de mestrado intitulada *Chic Show e Zimbabwe e a Construção da Identidade nos Bailes Black*

² Cf. Baronetti (2015).

Paulistanos, nossa intenção, naquele momento, era demonstrar que os bailes *black* representavam muito mais do que um simples *locus* de lazer para seus frequentadores, que era, em sua imensa maioria, constituída por negro(a)s e mestiço(a)s. Em uma análise mais apurada pudemos perceber que esses espaços são também locais de práticas políticas, pois, mediante eles as pessoas constroem suas próprias identidades. Em outras palavras, aquele público não vai ao baile somente para ouvir músicas e dançar, mas também porque lá se sentem entre iguais e não são discriminadas. Esse tipo de entretenimento é vivenciado como um momento alternativo ao racismo cotidiano existente na sociedade brasileira, pois nesse lugar não se reporia a hierarquia racial presente em outros espaços sociais desta cidade.

Em nosso trabalho de campo tivemos um momento exemplar de como o baile é entendido como um “espaço negro” por seus frequentadores. Em conversa com dois irmãos de uma família negra que haviam deixado de frequentar os bailes *black* da Chic Show, estes não só assumiram irem naquele momento a “bailes de brancos” como afirmaram serem muito bem-sucedidos com as mulheres naqueles espaços.

Ainda que dissessem que estavam tendo sucesso em seus flertes e paqueras, não deixaram de concluir que frequentavam um “espaço branco”. Esse fato demonstra que os bailes refletem a racialização densamente presente na sociedade paulista; ou seja, reelaboram espaços marcadamente constituídos por traços de inclusão e exclusões.

Nos bailes *black* ocorre um processo de construção de identidade. De acordo

com Manuela Carneiro da Cunha, a identidade “é construída de forma situacional e constrativa, ou seja, ela constitui resposta política a uma conjuntura, resposta *articulada* com as outras identidades em jogo, com as quais forma um sistema” (Cunha, 1985; 206). Dessa maneira, é nesses locais que construções de identidades sociais são articuladas de maneira opositiva e sob a chave da diferenciação. Resumindo, nesses espaços se negocia a identidade.

Sobre esse mesmo aspecto Carlos Benedito Rodrigues da Silva afirma “que o *Black Soul* também representa, em alguns momentos, um estar junto para a população negra, através de uma manifestação cultural que os identifica entre si de alguma forma, pelo tipo de roupa, dança, música etc. e com uma importância que não pode ser negada” (Silva, 1983; 245).

Márcio Macedo, ao escrever sobre este fenômeno social, concluiu que “no início do século XXI vê-se que tanto o samba como a música negra internacional tocada nos bailes *black* se prestam à construção de uma identidade negra contemporânea entre jovens da cidade de São Paulo. Resta saber se eles são ou não utilizados como marcadores étnicos” (Macedo, 2005; 25).

Uma voz destoante é a de Hermano Vianna, que estudou os bailes *funk* na cidade do Rio de Janeiro, nos anos 1980. Esse antropólogo enfrenta a questão racial presente nos bailes ao passar pela experiência de ser questionado sobre o que ele, branco, fazia num lugar só de negros:

...uma única vez minha condição de 'branco' foi ressaltada. No baile da Associação dos Servidores Civis, ao lado

do Canecão³, Zona Sul, eu estava conversando com vários integrantes da Funk Clube quando chegou uma dançarina e perguntou, com a voz bem baixa para que eu não ouvisse: ‘Quem é esse branco aí?’ Nunca tinha sido chamado de branco. Não sabia o que fazer numa situação dessas, mas não fiquei exatamente chocado e sim surpreso. As outras pessoas, percebendo que eu tinha escutado a pergunta, e tentando contornar um possível mal-estar, logo foram afirmando, com ares de quem pede desculpas, que eu era o Hermano, um cara legal, um jornalista que dá força para o funk ou algo assim. A ‘questão racial’ imediatamente desapareceu (Vianna, 1988, p. 16).

Apesar do relato anterior, também Hermano conclui acerca da importância dos bailes como locais de construção da diferença:

Os bailes da Soul Grand Prix passaram a ter uma pretensão didática, fazendo uma espécie de introdução à cultura negra por fontes que o pessoal já conhece, como a música e os esportes [...].

No dia 17/07/76, um sábado, o Caderno B do Jornal do Brasil publicou uma reportagem de quatro páginas, assinada por Lena Frias, intitulada *Black Rio – O orgulho (importado) de ser Negro no Brasil* (Ibidem, p. 27).

No entanto, em seu estudo, Vianna opta por ficar unicamente com a visão dos donos dos bailes, que não queriam que seus empreendimentos fossem identificados

como sendo um *locus* de negros para que desta maneira pudessem atingir um público bem maior e atrair para lá os brancos. Desse modo, aquele pesquisador concluía acerca dos bailes *funk* carioca se questionado:

Identidade étnica? As idéias de conscientização negra, que circularam no mundo *funk* carioca durante o tempo do *Black Rio*, não tiveram continuidade [...] o baile não serve para nada (Ibidem, p. 105).

Ao realizar nossa pesquisa, para além da descoberta do papel político desempenhado pelos bailes *black*, chamou nossa atenção o fato de que ao serem indagados se conheciam o Movimento Negro (MN), oitenta por cento dos entrevistados afirmou que sim. Solicitou-se aos que responderam positivamente que citassem nomes de entidades negras. Dentre todos os nomes mencionados tivemos de grupos ligados ao Movimento *hip hop*, tais como: Racionais MC’s; Posse; Jabaquara Breakers; Sampa Crew, Câmbio Negro e Facção Central. Esse fato demonstra que o Movimento *hip hop*, para aquele público, representava uma posição política ativa. Algumas pessoas, ao serem interrogadas sobre suas opiniões acerca destas entidades assim responderam:

“- Acho uma boa, é através deste pessoal que a gente sabe que existe o racismo (no Brasil). Se não houvesse eles a gente nunca saberia que o racismo existia”, ou “- É um movimento bom. Espero que ele consiga acabar com a discriminação que existe no Brasil”, ou então “- Acho que eles querem acabar com o racismo. Eles estão batalhando para um apoio que não temos”.

Esse reconhecimento de que o *hip hop* assumia um papel político de

³ Casa de Show localizada na zona sul da cidade do Rio de Janeiro.

questionamento, ou de denúncia, não vinha acompanhado de nenhuma reprovação por parte dos frequentadores dos dois bailes *black* pesquisados, o que nos levou a concluir, naquela ocasião que:

as informações que [o público dos bailes pesquisados] obtém sobre as lutas contra as discriminações existentes contra o negro [...] vêm pelos rappers [...]. Assim, ao confundir e descrever o rap como MN, estas pessoas não estão demonstrando falta de informação sobre o que seria esta forma de organização social, mas sim nos revelando uma nova expressão dela (Felix, 2000, p. 127).

A partir dessa constatação, entramos em contato com alguns grupos de *rap*, dentre eles o “Racionais MC’s”⁴, além dos grupos “DMN”⁵ e Thaide e DJ Hum. Nenhum deles mostrou surpresa quando revelamos as respostas dadas pelo público dos bailes *black*. Muito pelo contrário, fizeram questão de afirmar que se consideravam artistas e militantes políticos.

Em entrevista por nós realizada com os componentes do grupo Racionais MC’s, em 29 de abril de 1994, na lanchonete Ponto Chic, no Largo do Paçandu, ao informá-los que o Movimento *hip hop* era visto como Movimento Negro, pelos frequentadores dos bailes *black*, seu vocalista e

líder, Mano Brown, afirmou, de maneira convicta: “- Lógico que somos Movimento Negro! Não existe dúvida nenhuma quanto a isso”. Essa mesma resposta foi dada pelos *rappers* Thaide e Markão, este último vocalista e líder do grupo DMN.

Quando desenvolvemos nossa pesquisa de mestrado sobre os Bailes *Black* da Equipe Chic Show e da Equipe Zimbabwe, gostaríamos de saber se aquele público majoritariamente de negros tinha alguma ligação com alguma atividade cultural que o Movimento Negro (MN)⁶ considera cultura “negra”. Isso posto decidimos perguntarmos sobre Escola de Samba. O resultado, no que se refere a essa questão, foi o seguinte: no Clube da Cidade, da Chic Show, 85% dos homens afirmaram ter uma Escola de Samba de sua preferência. No Espaço Atual, da Equipe Zimbabwe, entre os homens, 69%, responderam que tinham uma Escola de Samba “do coração”. Já 89% das mulheres do Clube da Cidade, quando indagadas, disseram que acompanhavam de perto algumas Escolas de Samba, enquanto, que no Espaço Atual 77% deram a mesma resposta. Como podemos perceber no baile da Chic Show existem mais empatia com as Escolas de Samba, do que no baile da Zimbabwe.

As Escolas de Samba preferidas dos homens, no Clube da Cidade foram: Vai Vai, com 40%, Camisa Verde e Branco, com 16%; Nenê de Vila Matilde e Rosa de Ouro, com 10%; Gaviões da Fiel Torcida, com 7%; Unidos do Peruche, com 4%; Acadêmicos do Ipiranga, Faculdade do Samba Barroca

⁴ No período da pesquisa este era, e ainda é, o mais famoso grupo do *rap* nacional. Naquele momento, 1993, os seus maiores sucessos musicais eram “Um Homem Na Estrada” e “Fim de Semana no Parque”.

⁵ O nome deste grupo, segundo o seu componente Markão, inicialmente, significava “Defensores do Movimento Negro”. Atualmente trata-se simplesmente da junção de três letras do nosso alfabeto.

⁶ Cf. também Movimento Negro Unificado (1988), e Alberti e Pereira (2007).

Zona Sul, Flor de Liz, Leandro de Itaquera, Mocidade Alegre, Primeira da Aclimação, Unidos de São Miguel e Estação Primeira da Mangueira, todas com 1%.

Para os homens do Espaço Atual as Escolas de samba preferidas foram: Vai Vai, com 26%; Gaviões da Fiel Torcida e Rosas de Ouro, com 20% e Camisa Verde e Branco e nenê da Vila Matilde, com 6%.

Entre as mulheres no Clube da Cidade as Escolas de Samba preferidas foram: Vai Vai, com 29%; Camisa Verde e Branco, com 20%; Rosas de Ouro, com 21%; Gaviões da Fiel Torcida, com 14%; Nenê da Vila Matilde, com 4% e Imperatriz Leopoldinense e Salgueiro, com 3,5%.

Entre as mulheres do Espaço Atual as Escolas de Samba preferidas foram: Vai Vai, com 58%; Gaviões da Fiel Torcida, 18% e Camisa Verde e Branco, Rosas de Ouro e Nenê da Vila Matilde, com 8%.

Estas respostas não demonstram, é certo, se há ou não um vínculo mais profundo deste público com o assim chamado “mundo do samba”. Até aqui só descobrimos as suas preferências e a forte presença da G. R. E. S. Vai-Vai. Por este motivo, outra pergunta foi feita, com o intuito de indagar se as pessoas que afirmaram ter uma Escola de Samba de sua predileção frequentavam, ou não, as quadras dessas Escolas de Samba. O resultado dessa vez foi o seguinte, entre os homens do Clube da Cidade, 81 entrevistados (72%) afirmaram frequentar as quadras de sua Escola de Samba favorita. No Espaço Atual, 23 (51%) responderam positivamente. Entre as mulheres do Clube da Cidade, 81 (71%) disseram que tomavam parte das atividades desenvolvidas nas

quadras de suas Escolas de Samba preferidas. Com as mulheres do Espaço Atual, 08 (23%) concluíam que tinham relações diretas com o “samba”. A maioria das pessoas, dos dois bailes afirmou, portanto, frequentar as quadras das diferentes Escolas de Samba paulistanas. Mesmo aqui com estas respostas podemos concluir que os frequentadores da Chic Show estão mais ligados às Escolas de Samba que o público da Zimbabwe, reforçando o levantamento anterior.

A pergunta seguinte tinha o intuito de saber se essas pessoas desfilavam, ou não, pela sua Escola de Samba preferida. Se por acaso a maioria respondesse positivamente, estaria confirmada, em nossa opinião inicial, uma forte relação entre essas populações e o tal “mundo do samba”. Caso dissessem que não, seria preciso refletir sobre os vínculos afirmados. As respostas obtidas foram as seguintes: entre os homens do baile da Chic Show, 87% informaram que não desfilavam em qualquer Escola de Samba. Com relação aos homens do baile da Zimbabwe, 78% afirmaram não desfilar. Dentre as mulheres do Clube de Cidade, 89% responderam não “sair na avenida”, junto com sua Escola de Samba. No caso das entrevistadas no Espaço Atual, vemos 85% com a mesma resposta.

Estas relações demonstram, explicitamente, que não existe uma relação mais profunda entre este grupo e o “mundo do samba”. Eles gostam de samba, mas suas respostas sobre as Escolas de samba revelam que se trata de uma preferência forte, mas distanciada. Seria a mesma aproximação de uma pessoa que torce por um time de futebol, mas só vai ao estádio em final de

campeonato, ou mesmo em alguns jogos clássicos. O samba parece ser importante, mas é, porém, uma espécie de modelo cultural complementar, que serve para momentos especiais.

Podemos tomar a questão sob outro prisma. Na verdade, a relação existente entre o *rap* e o samba é bastante conflituosa e estamos falando de duas expressões artísticas de maior preferência entre essas pessoas. O primeiro entende que, além de se empenhar na manifestação artística e cultural, os seus praticantes devem ser militantes antirracistas e sempre levar a seus públicos condições para que estes se conscientizem⁷ de suas condições de marginalização na sociedade brasileira.

De acordo com o tipo de posicionamento político, representantes do *rap* costumam afirmar que o samba é alienado, no que diz respeito à situação do negro na sociedade brasileira, posição bastante próxima da assumida por grande parte do MN⁸ e defendida no programa “*O Negro da Senzala ao Soul*”. O carnaval, maior expressão das Escolas de Samba, é hoje, na opinião dos *rappers* paulistanos, a melhor prova do alheamento frente à discriminação que o negro sofre em nossa sociedade. Para eles, o carnaval era o espaço do negro, e atualmente só se destacam nele os brancos ricos, como vemos da letra da música “Voz Ativa”, do grupo Racionais MC’s:

Chegou o carnaval
Modelos brancas no destaque /as negras
onde estão?

⁷ N Cf. Felix (2000).

⁸ Cf. Alberti e Pereira,(2007).

Desfilando no chão em segundo plano
Pouco original mais comercial a cada ano
O carnaval era a festa do povo
Era, mas alguns negros se venderam
de novo
Branco em cima negro em baixo
Ainda é normal, natural
(VOZ ATIVA, 1992).

Ao assumir esta posição bastante crítica frente às Escolas de Samba, o Movimento *hip hop* não leva em consideração o que é apresentado nos desfiles da Escolas de Samba, provavelmente, por desconhecimento. Como já mostramos anteriormente em algumas ocasiões são apresentados enredos que exaltam os negros no Brasil.

Vale ressaltar que as críticas dos *rappers* estão mais voltadas para Escolas de Samba e não para o samba em geral. Temos alguns sambistas que são considerados pelo *rap* aliados de luta, tais como: Bezerra da Silva, cujos sambas, constantemente, trazem em suas letras duras denúncias sobre a vida dos moradores nos morros e críticas à violência policial; Dona Ivone Lara, com letras que, geralmente, falam e defendem o(a) negro(a); Leci Brandão, que segue, mas de forma mais radical, a mesma postura de Lara e Geraldo Filme, que não deixa de falar sobre a condição de vida do(a)s negro(a)s paulistano(a)s, principalmente, do bairro Bixiga, da cidade de São Paulo. Esses artistas seriam alguns exemplos de sambista defendidos, em várias letras de *rap*. Lembramos que em São Paulo existiu uma grande aliança entre o grupo Negritude Jr. (samba/pagode) e os Racionais MC’s (*rap*). Estes fatos demonstram que a maior cisão se dá entre o *rap* e as Escolas de Samba e não em relação aos sambistas propriamente ditos.

Não podemos deixar de lado um exemplo que é exceção, o *rapper* Rappin Hood frequenta e desfila na Escola de Samba Imperador do Ipiranga, que está localizada no bairro onde ele reside. Mas como destacamos ele é uma exceção à regra.

Os líderes das Escolas de Samba, apesar de perceberem as atitudes agressivas dos *rappers* para com eles, entendem que não vale a pena responder às ofensas que lhes fazem. Alguns dirigentes quando foram consultados acerca desta postura dos *rappers*, argumentaram que tais opiniões são fruto da pouca idade desses últimos, já que a maioria dos *rappers* estão na faixa dos vinte anos de idade. Para esses dirigentes, o samba não deve responder às provocações, porque o gênero já tem uma história muito longa, que justifica as suas posições atuais.

Para “seo” Nenê, na época presidente e um dos fundadores da Escola de Samba Nenê da Vila Matilde, o samba atualmente é mais respeitado e frequentado pelos brancos, mas continua sendo uma “cultura negra”. Em sua opinião, as Escolas de Samba não devem qualquer explicação para esses “moleques” do *rap*, que praticam uma “cultura”, destaca ele, que “não é nem brasileira”. Os argumentos de “seo” Nenê, levam a refletir que, no limite, exista uma divisão anterior. Na representação nacional o samba seria uma “cultura brasileira”, antes de ser negra⁹. Dessa conclusão o MN não compartilha, para ele o samba é uma cultura

⁹ No dia 17 de janeiro de 1999, o grupo Racionais MC's participou do show “Samba e Rap Homenageiam Paulo Freire”, juntamente com o grupo DMN, o que demonstraria que quando a atividade é politicamente correta, na opinião dos *rappers*, eles participam mesmo com a presença de sambistas.

negra¹⁰. Já para o Movimento HIP-HOP esta expressão cultural “era uma cultura negra”, atualmente não é mais.

Não é, por certo, o caso de se entrar nessa discussão. O que percebemos é que as populações desses dois bailes parecem não se preocupar com essa relação conflituosa entre *rap* e as Escolas de Samba. Pelo que podemos notar, a situação de embate entre estas duas expressões artísticas não trazem nenhum problema para estes frequentadores dos bailes *black*. Afinal, eles assumem, perante ambas, uma postura idêntica, isto é, gostam do *rap*, mas não seguem o que os *rappers* defendem politicamente e têm uma Escola de Samba preferida, frequentam suas quadras, mas também não desfilam nela no carnaval. Em outras palavras, optar por estas músicas não significa um engajamento no cotidiano que eles propõem a seus praticantes.

Desta forma, podemos concluir que suas posições são simplesmente reflexo de uma preferência musical ou de um estilo de vida e não resultado de uma postura política. No entanto, não é possível ignorar que esta primazia carrega uma atitude bastante baseada em uma inserção sócio étnica específica. Não há como esquecer que seus estilos de músicas preferidas são considerados negros ou *black*, o que já é em si uma forma de identificação do grupo.

A intenção desta, e de todas as perguntas citadas anteriormente, foi tentar realizar um levantamento quantitativo sobre algumas formas de lazer dos frequentadores dos dois Bailes *Black*, para daí

¹⁰ Albert e Pereira (2007) e MNU (1988).

buscar compreender se, no campo do lazer, essas pessoas apresentam elementos que podem ser entendidos como definidores de sua visão de mundo. Notamos que seus gostos/preferências não são tão determinantes quando elas resolvem se posicionar. Na verdade, consomem um pouco de tudo, sempre na chave do lazer. A opção pelo samba e pelo *rap* não é, como podem pretender alguns, política pragmática e mesmo imediata. Mistura-se um pouco de tudo e, nesse processo, perde-se a história para se ganhar na releitura. O samba e o *rap* são tão somente diversão e símbolos de uma negritude que se difere mais por estilo do que por uma opção política. ■

[JOÃO BATISTA DE JESUS FELIX]

Professor Associado II na Universidade Federal do Tocantins (UFT), no Curso de Ciências Sociais Licenciatura; doutor e mestre em Antropologia Social, é o Coordenador do Cineclube da UFT em Tocantinópolis. Coordenou as mostras “Vídeo Índio Brasil” e “Dia Internacional de Animação”.

E-mail: jbatista@mail.uft.edu.br

Referências

ALBERTI, Verena; PEREIRA, Amilcar Araújo. **História do movimento negro no Brasil:** depoimentos ao CPDOC. Rio de Janeiro: Pallas: CPDOC-FGV, 2007.

BARONETTI, Bruno Sanches. **Transformações na avenida:** história das escolas de samba na cidade de São Paulo (1968-1996). São Paulo: LiberArs, 2015.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Negros estrangeiros:** os escravos libertos e sua volta à África. São Paulo: Brasiliense, 1985.

FELIX, João Batista de Jesus. **Chic Show e Zimbabwe:** a construção da identidade nos bailes black paulistanos. 2000. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

MACEDO, Márcio José. Baladas Black e Rodas de Samba da Terra da Garoa *In:* MAGNANI, José Guilherme Cantor; SOUZA, Bruna Mantese de (org.). **Jovens na metrópole:** etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade São Paulo, Editora Terceiro Nome, 2007. p. 189-224.

MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO. **1978-1988 10 anos de luta contra o racismo.** São Paulo: Confraria do Livro, 1988.

O NEGRO da Senzala ao Soul. Produção do Departamento de Jornalismo da TV Cultura. São Paulo, 1977. 1 vídeo (45 min). Publicado pelo canal Gabriel Priolli. Disponível em: <https://bit.ly/36zBCyl>. Acesso em: 20 dez. 2020.

SILVA, Carlos Benedito Rodrigues da. “Black-Soul”: aglutinação espontânea ou identidade étnica – uma contribuição ao estudo das manifestações culturais no meio negro. **Anuário Ciências Sociais Hoje**, São Paulo, v. 2, p. 244-262, 1983.

VIANNA, Hermano. **O mundo funk carioca.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

VOZ Ativa. Intérprete: Racionais MC's. Composição: Edy Rock e Mano Brown. *In:* ESCOLHA o seu caminho. São Paulo: Zimbabwe, 1992. 1 disco vinil, lado A, faixa 1.